

Marcas linguístico-discursivas de patriarcalismo em *Helena*, de Machado de Assis: um estudo dialógico

Linguistic-discursive marks of patriarchy in *Helena*, Machado de Assis: a dialogical study

 Ana Carolina Martins da Silva

 Wilder Kleber Fernandes de Santana

 Weslei Chaleghi de Melo

Resumo: Em uma sociedade influenciada pelo conservadorismo econômico, pela capitalização dos bens e pelo patriarcalismo, torna-se imprescindível recorrer à literatura do século XIX, para verificar que aspectos socio-históricos dessa época permanecem visíveis no cronotopo das obras. Assim, de forma crítica, torna-se possível identificar os papéis socialmente atribuídos nos romances e averiguar de que maneira aqueles se expressam. O objetivo desta pesquisa consiste em analisar, dialogicamente, que marcas de patriarcalismo se presentificam, de forma refletida e refratada, na obra *Helena*, de Machado de Assis. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin (2006 [1979]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]), integrantes do Círculo de Bakhtin, bem como de Chaves

Ana Carolina Martins da Silva. Doutora em Letras; Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; ana-martins@uergs.edu.br

Wilder Kleber Fernandes de Santana. Doutor em Linguística; Universidade Federal da Paraíba; wildersantana92@gmail.com

Weslei Chaleghi de Melo. Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza; Universidade Federal Tecnológica do Paraná; weslei@alunos.utfpr.edu.br



(1988), Fischer (2008) e Schwarz (2012). Os resultados apontaram para o fato de que o patriarcalismo é um elemento constituinte da narrativa, que retrata discursos arbitrariamente impostos, no constatar de diferenças entre as funções relegadas às mulheres e aos homens.

Palavras-chave: Literatura. Machado de Assis. Helena. Patriarcalismo. Estudo dialógico.

Abstract: In a society influenced by economic conservatism, capitalization of goods and patriarchy, it is essential to resort to literature, more specifically from the 19th century, to verify which socio-historical aspects of that time remain visible in the chronotope of the works. Thus, in a critical way, it becomes possible to identify the socially assigned roles in the novels and find out how those are expressed. The objective of this research is to analyze, dialogically, which marks of patriarchy are present, in a reflected and refracted way, in the work *Helena*, by Machado de Assis. For this, we resorted to the theoretical-methodological assumptions of Bakhtin (2006 [1979]), Medvedev (2016 [1928]) and Volóchinov (2017 [1929]), members of the Bakhtin Circle, as well as Chaves (1988), Fischer (2008) and Schwarz (2012). The results pointed to the fact that patriarchy is a constituent element of the narrative, which portrays arbitrarily imposed discourses, it was possible to observe differences between the roles relegated to women and men.

Keywords: Literature. Machado de Assis. Helena. Patriarchy. Dialogical study.



Notações introdutórias

Ao lançarmos olhares sobre as configurações político-econômica e ideológica da população que serviu de base para a escrita machadiana *Helena*, observamos uma sociedade influenciada pelo conservadorismo econômico¹, pela capitalização dos bens e pelo patriarcalismo. Tais fatores nos impulsionaram ao campo literário, mais especificamente do século XIX, para verificar que marcas culturais dessa época permanecem visíveis no cronotopo² dessa obra.

Inscrevermo-nos, enquanto pesquisadores, no terreno da linguagem – nesse caso específico, a linguagem literária – por meio de abordagem dialógica, é reconhecer a necessidade de nos responsabilizarmos, didática ou academicamente (BRAIT; PISTORI, 2012), pelo objeto de estudo. É preciso, ainda, dizer que não somos pioneiros nesse campo de estudos, uma vez que diversas vozes em território brasileiro têm atuado nas dimensões linguística e literária da linguagem sob prisma dialógico (HAMMES-RODRIGUES; ACOSTA PEREIRA, 2019;

1. O *conservadorismo econômico*, ou ainda *conservantismo*, consiste em um sistema político-filosófico que credita a manutenção das instituições sociais tradicionais para pavimentação da civilização ocidental, havendo, certamente, a concentração de riquezas e acúmulo de capital (MULLER, 1997). Não iremos nos aprofundar no tema por não ser nosso propósito para esse escrito, mas importa enfatizar que consistia na base social daquele coro populacional representado no romance machadiano *Helena*.


2. O cronotopo é um termo que advém do pensamento do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), principalmente no que diz respeito aos estudos literários, em sua teoria do Romance. Etimologicamente une os entes *chronos* (tempo) e ao *topos* (espaço), tanto na vida quanto na arte. Considerar o tempo e o espaço é nevrálgico para a composição e análise de narrativas, haja vista que orientam um processo de conscientização tanto dos sujeitos que mobilizam a linguagem quanto das personagens (BAKHTIN, 2013). Bemong e Borghart (2015) discutem, em seu estudo sobre o cronotopo, que o tempo e o espaço foram temas de questões foco das ciências modernas, principalmente a partir do século XVIII, a exemplo de Kant (1724–1804), Hegel (1770–1831) e, posteriormente, Marx (1818-1883). É nesse sentido que recorremos a esta categoria bakhtiniana em fundamentação de nossa pesquisa (BEMONG; BORGHART, 2015).

GERALDI, 2016; SANTANA, 2019). Nessas condições, recorramos ao aporte histórico que engendra nossa base teórica.

Na Rússia, a partir de 1920, entre os governos de Lênin e Stalin, deu-se a culminância de uma série de estudos filosóficos realizados pelo filósofo Mikhail Bakhtin (1895-1975), concretizados numa obra inacabada intitulada *Para uma Filosofia do Ato responsável* (2012 [1920-24]). No decorrer dessa década, reuniram-se com frequência diversos intelectuais e pesquisadores para discutir filosofia e literatura que ampliasse o horizonte de visão contra o autoritarismo estatal na Rússia. Por abordagem dialógica compreendemos uma vertente de estudos, em terreno brasileiro, que dá continuidade a reflexões outrora empreendidas pelo chamado Círculo de Bakhtin, como ficou conhecido, dos quais eram integrantes ativos Volóchinov (2017 [1929]) e Medviédév (2016 [1928]).

Brait (2005), no manuscrito *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*, compreende que a abordagem dialógica se constitui “na busca da compreensão das formas de produção do sentido, de significação, e as diferentes maneiras de surpreender o funcionamento discursivo” (BRAIT, 2005, p. 87). Nesse sentido, que importância há em recorrer à abordagem dialógica para subsidiar estudos literários? Para responder a essa questão, na medida em que reconhecemos “o dialogismo como potencial teórico-metodológico ao ensino (de literatura)” (SANTANA; MIOTELLO, 2020), recorreremos aos escritos de Bakhtin, na compreensão de que foi no escopo da literatura, ao incidir sobre os romances de Dostoiévski, que o filósofo formulou o conceito de relações dialógicas, estabelecendo ligações constitutivas entre a vida e a arte (BAKHTIN, 2006 [1979]).

O conceito de dialogismo, para Bakhtin (2006 [1979]), amplifica as reflexões literárias para além da estrutura imanente e focaliza o dis-



curso no seu contexto sócio-histórico-ideológico (BRAIT, 2005; SANTANA, 2019). Uma vez que o dialogismo convoca relações alteritárias entre sujeitos da/na narrativa, recorreremos a uma reflexão de Candido, em *Literatura e Sociedade*: “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?” (CANDIDO, 1985, p. 18). Essa resposta está, de acordo com Candido, no contato entre os fenômenos da arte e da vida (CANDIDO, 1985).

Assim, sob a ótica de Medviédev, que correlaciona literatura e sociedade (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]), concordamos tanto com Todorov, ao afirmar que a literatura “permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano” (TODOROV, 2010, p. 53) quanto com Bakhtin, que propõe que a literatura nos faz perceber a constituição humana pelas lentes da dialética histórico-social, por meio de movimentos espaço-temporais (BAKHTIN, 2018). Para tanto, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin (2006 [1979]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]), integrantes do Círculo de Bakhtin, no que se refere às marcas constitutivas e às relações de sentido que atravessam a narrativa, bem como Chaves (1998), Fischer (2008 e 2013) e Schwarz (1999 e 2012) sobre os aspectos literários do romance. Nesse sentido, tencionamos discutir de que maneira os homens e as mulheres são construídos no decorrer da obra, incluindo questões referentes às funções domésticas, ao trabalho, ao poder, à política, à cultura e ao alcance do patriarcado.

Observa-se, que dentro da obra machadiana, há reflexos do horizonte sócio-histórico em muitas questões, suas personagens ainda possuíam uma grande definição do que se esperava de atitudes tidas como vinculadas ao gênero imposto socialmente. Com base nessas constatações, o objetivo da pesquisa consiste em analisar, dialogicamente, que marcas do patriarcalismo na sociedade brasileira do século




XIX se presentificam, de forma refletida e refratada, na obra *Helena*, de Machado de Assis.

Em aspectos estruturais, além dos elementos pré-textuais: resumo, introdução; e pós-textuais, tais como, considerações finais e referências, o manuscrito apresenta mais duas seções: a) *A sociedade patriarcal oitocentista e a narrativa machadiana* desenvolve um diálogo teórico sobre o patriarcalismo na qualidade de categoria que permeia a literatura e como se fez vigente nas práticas sociais, no século XIX, em terreno brasileiro; b) *Marcas de patriarcalismo na narrativa de Helena: fragmentos* tece uma discussão sobre o patriarcalismo/categoria, ilustrada por passagens da obra.

A sociedade patriarcal oitocentista e a narrativa machadiana


Na presente seção, procuramos delinear os padrões estruturais desenvolvidos por Machado de Assis na construção de seu drama, que longe de refletir apenas o tempo oitocentista, representa toda a história, inclusive a atual, de opressão e de desconstrução da força feminina em função de um projeto de fortalecimento masculino.

Belli (2011), em sua obra *O país das Mulheres*, remonta esse encontro de forças humanas em competição, no país ficcional chamado Fáguas, na América Central (o qual muitos articulistas relacionam com o país de origem da autora, Nicarágua), dominado por homens. Nele, algumas mulheres resolvem fazer mudanças no sistema político e social, tornando-o um país governado somente por mulheres. Com o suporte do Partido da Esquerda Erótica (Partido de la Izquierda Eró-



tica - PIE)³, construído por elas - “as eróticas”, como são apontadas - reverterem a situação abusiva, colocando homens em lugares ocupados por mulheres e vice-versa. A história tem muitos enigmas, mas o mais interessante para comparação com o estudo de *Helena* é a similaridade que ocorre entre as condições de falta de autonomia, a sufocação estatizada por meio de decretos, leis, situações degradantes, financeiras e psicológicas, a que as mulheres estavam submetidas em Fúguas (BIELI, 2011). A revolta das eróticas traz uma intertextualidade muito grande com o *Manifesto S.C.U.M. - Uma proposta para a destruição do sexo masculino*, escrito por Solanas (1967, S/N P), no qual a autora diz que: “O macho é totalmente egocêntrico, enredado em si mesmo, incapaz de ter empatia ou de se identificar com os outros, inábil para o amor, a amizade, a afeição ou a ternura”. Para Solanas: “É uma unidade em isolamento absoluto, que não consegue se relacionar com ninguém”. Seguindo esse raciocínio da autora, parece que ela quase descreve toda a classe de homens que estão na história de *Helena*: “A condição masculina é uma deficiência, e os machos são inválidos no setor emocional” (SOLANAS, 1967, S/N P).

3. No Manifesto das fundadoras do PIE (BELLI, 2011), há uma decisão e um resumo, que poderia perfeitamente se aplicar a uma retomada da história das mulheres, inclusive, do Brasil no período oitocentista: “Somos um grupo de mulheres preocupadas com o estado de ruína e desordem de nosso país. Desde que esta nação foi fundada, os homens governaram com participação mínima das mulheres, por isso nos atrevemos a afirmar que a gestão deles foi um fracasso. De tudo, nos receitaram nossos ilustres cidadãos: guerras, revoluções, eleições limpas, eleições sujas, democracia direta, democracia eleitoreira, populismo, semifascismo, ditadura, ditabranda. Suportamos homens que falavam bem e que falavam mal; gordos, magros, velhos e jovens, homens atraentes e feios, homens de classe humilde e de classe alta, tecnocratas, doutores, advogados, empresários, banqueiros, intelectuais. Nenhum deles pôde encontrar o modo das coisas, e nós, mulheres, já estamos cansadas de pagar o pato, por tantos governos ineptos, corruptos, manipuladores, baratos, custosos, usurpadores de cargos e sem respeito pela constituição. De todos os homens que tivemos, não se salva um. Por isso, nós decidimos que é hora das mulheres dizerem: chega. Manifesto do Partido da Esquerda Erótica (PEE)” (BELLI, 2011, p. 89).



Os movimentos de coação, de tortura e de condução mental são aliados e ferramentas, muitas vezes, da agressão física em relação às mulheres, seja em Fátuas, seja no Rio de Janeiro. Em *Helena*, os homens são fracos, as mulheres são fortes. Porém, são os homens que executam as tarefas de mando e as mulheres, ou se submetem, ou criam ardis para poderem ter suas ideias aplicadas, sem que pareçam suas. Ao contrário, que pareçam vir deles. Situações ultrajantes que as mulheres no Andaraí de *Helena* também passam.

No livro escrito por *Machado de Assis*, a exigência pelas condições femininas, tais como adornar uma sala com uma beleza cativante, ou fazer serviços delicados como bordados, ou brilhar numa valsa, ou ao piano, ou no comando dos serviços do lar e de casamentos perenes, são a forma velada da violência psíquica que aflora de um sistema muito conhecido e muito comentado, qual seja, o patriarcalismo. Um dos principais braços do capitalismo, esse sistema precisa que a mulher tenha jornada tripla, quádrupla, de trabalho, pois o homem nem sempre consegue. A forma mais antiga do opressor fazer com que o oprimido faça o que pede é a aceitação (EAGLETON, 2019).

Coelho e Queiroz (2019), ao analisarem a configuração da personagem feminina em *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, e em *El Pais de las mujeres*, de Gioconda Belli, trazem características do período oitocentista, ao descreverem a vida da autora Emília Freitas (1855-1908). Para as autoras, “a escritora subverte a concepção de mulher na narrativa oitocentista, no Brasil, por meio do recurso sobrenatural” (COELHO; QUEIROZ, 2019, p. 146) em “A Rainha do Ignoto” publicado em 1889. Já Belli (2010) revisa a configuração da personagem feminina no século XXI, revendo “o estereótipo feminino de mãe, esposa e cuidadora do lar como forma de quebrar o paradigma construído negativamente em torno desses aspectos” COELHO; QUEIROZ, 2019, p.



146). Em seu referencial, as autoras citam Verona (2013), que analisou essa temática também, sintetizando:

Para Verona, a ficção do oitocentos explorou em suas tramas, quase como de maneira obrigatória, as temáticas relacionadas à maternidade, ao casamento e à inferioridade feminina. Desse modo, os romancistas contribuíram para a configuração de uma personagem feminina que correspondesse a um determinado padrão definido pela ordem social daquela época: frágil, sensível, esposa e mãe, categorizando a mulher-anjo; e toda conduta contrária a esses aspectos, categorizava a mulher-demônio (COELHO e QUEIROZ, p. 145-146).

Em 1876, 13 anos antes de Freitas, Machado de Assis publicava Helena, uma possível mulher-anjo, conduzida quase à condição de mulher-demônio, pelas ações de fraqueza dos homens de sua vida. Pereira (2019), em matéria para o Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO, sob o título de *Vocabulário feminista: conheça dez termos importantes para o movimento*, faz um mapeamento de termos, os quais se adequam à análise que ora apresentamos, para reforçar esse modo masculino de anulação do feminino. Começando pelas personagens de gênero masculino que rodeiam Helena, o Conselheiro Vale, pai e padrasto, após esconder um caso extraconjugal da própria família, também não lhe conta a verdadeira história de Helena. Por motivos, provavelmente, de reforço de traços masculinos de fertilidade, e tendo gerado um filho apenas, assume Helena como sua filha biológica. Essa atitude promove um apagamento da história da jovem, que, sem poder ser quem realmente é, tem toda sua trajetória de fortuna transformada em calvário. Essa definição testamentária de Helena, essa forma de




explicá-la à família, pode ser, em alguma medida, definida pelo termo *Mansplaining*. Segundo Pereira:

(...) *mansplaining* é o termo usado para descrever um homem que tenta explicar algo a uma mulher, assumindo que ela não entende sobre o assunto - implicitamente, essa atitude subestima a inteligência da mulher. A palavra foi criada a partir da junção entre *man* (homem) e *explain* (explicar), em inglês (PEREIRA, 2019, grifo do autor)⁴.

Helena é referenciada na obra toda como uma pessoa muito inteligente, estudada, de atitude. Talvez, se o Conselheiro tivesse perguntado a ela, o que achava sobre ser apresentada à família como filha legítima, ele teria outra resposta. Porém, pelo seu arcabouço machista, seria pouco provável que considerasse essa hipótese, não apenas por Helena ser mulher, mas por ser jovem. Já Dr. Estácio, seu meio-irmão de forma legal, e seu grande amor secreto, ao tratá-la como um ser inferior, por ser jovem e mulher, aproxima-se dela sem medo, tomado de segurança: por ser homem, por ser o filho biológico, por ser o *chefe da família*. Não passa pela sua cabeça o poder de convivência com um ser humano constituído em história pessoal e inteligência, como Helena. Esse não-ver Helena como uma pessoa, gera nele sentimentos contraditórios, pois ama e não pode amar; gosta de sua companhia, mas não pode gostar; sabe que ela é mais vivaz que ele, mas não pode demonstrar. Isso resulta para ambos frustração e tragédia. Buscando um dos dez termos de Pereira (2019), pode se dizer que é um ato de *Gaslighting*. Diz a autora da matéria, citando sua entrevistada:

4. Matéria publicada no Jornal *O Estado de São Paulo*.



Apesar do termo *gaslighting* não ser exclusivo do movimento feminista, ele é frequentemente comum em situações em que a vítima é mulher. A palavra é usada para descrever a manipulação psicológica na qual o agressor faz a vítima questionar sua própria inteligência, memória ou sanidade. «Quem manipula tenta desqualificar as percepções do outro e busca levar a pessoa a não acreditar em si mesma. Ditos como <você está surtando>, <você está exagerando> ou <você está louca> podem ser indicativos deste processo. Para saber se está sendo alvo de um manipulador, basta observar o que vem se repetindo na relação», indica a psicóloga Marília Saldanha, especialista em psicologia social (PEREIRA, 2019, grifo do autor)⁵.

Teria sido um reflexo inconsciente de Machado de Assis, esse conflito gerado entre filhos legítimos e ou desejados? Fischer (2008), ao comparar algumas características de Borges e Machado, chega a esta, surpreendente, o fato de os dois autores não terem tido filhos, questão que une em reflexão com Helena. Diz o autor:

(...) afinidades e semelhanças de temperamento, tanto na vida quanto na obra dos dois, podem ser encontradas em vários níveis, vejamos um caso aparentemente secundário, nenhum dos dois teve filhos. [...] Em Machado, a coisa não é tão simples, já que o ter e não ter filhos, foi tema decisivo de sua literatura, sem especificar casos mais sutis, com o de Helena, que é reconhecida como filha do Conselheiro, sem sê-lo. Questão essa que está na alma do relato. [...] a julgar por aqui, quem de sã consciência poderá dizer que a questão não afetava o autor? (FISCHER, 2008, p. 12).

5. Matéria publicada no Jornal *O Estado de São Paulo*.

Filhos a parte, a questão da herança⁶, seja financeira, seja de memória, é um dos pontos altos da história. Essa herança que é disputada com muitas artimanhas e manipulações. No caso da relação de Helena com Estácio, a manipulação está implícita o tempo todo no fato de ser o irmão mais velho, o detentor do capital humano e financeiro que cerca, por herança legítima. Nesse sentido, numa aproximação, está também o Padre Melchior. Padre e conselheiro da família, por ser Padre, por homem e por ser mais velho, manipula tanto Helena, quanto os que estão a seu redor, para que a situação delineada pelo Conselheiro Vale se realize e se torne forçosamente uma realidade.

No que concerne à herança, Machado de Assis, na posição de narrador, não construiu um final feliz que consolasse e perdoasse. Ele optou pela denúncia, pela dor, pelo implacável, o que retoma o termo mais conhecido dos dez, mencionados por Pereira (2019), o patriarcado. Machado de Assis quer mostrar que o mecanismo patriarcal não é cuidador, que não é bonzinho, que não é generoso, que não é bonito. Não é digno de perdão, mas mata. Este é o recado de Machado de Assis.

Pereira retoma: “A palavra patriarcado, de acordo com o dicionário grego, significa “a regra do pai” ou “pai de uma raça”. “Dessa forma, representa um sistema em que homens heterossexuais predominam


6. As vidas dos três jovens: Helena, Estácio e Mendonça – amigo antigo de Estácio e, por ação do Padre, precipitadamente elevado a condição de pretendente de Helena - têm seus destinos traçados, envolvidos na mentira e na anulação da vida pregressa de Helena, levando-a da condição de sujeito a objeto. Salvador, seu pai biológico, não é mais inocente do que os outros em relação à vida da filha e da ex-mulher. Mesmo sabendo que D. Ângela tinha resolvido dar um novo caminho para a vida da filha, o qual ela julgou mais adequado, tirando-as da miséria e da solidão, elevando-as a uma vida boa, em termos de casa, “proteção” e comida, insiste em impingir sua presença a elas; e após, aproximando-se da filha, quebrando com de vez com todas as possibilidades de uma vida outra para ela, pois mesmo querendo fazer parte de sua vida por amor, não pergunta o que ela quer fazer. Talvez ela preferisse abandonar tudo e ficar ao seu lado, e pela sua condição de estudo e de inteligência, talvez pudesse dar uma vida boa para eles. Se Salvador a tivesse incentivado a contar a verdade para Estácio; a ser ela mesma, a ser feliz e plena, a tragédia não teria acontecido.

em posições de liderança” (PEREIRA, 2019). Dr. Camargo – amigo da família de Vale e interessado em seu espólio, ajuda a matar Helena, assim como todos os outros homens. O Pajem Vicente, homem jovem, negro, que por convicção de Machado de Assis, ainda traz em si a denúncia da não-vida escrava, é o único que a ama e a respeita incondicionalmente, mas é tão invisibilizado em sua história, quanto ela. A escravidão também mata é o recado de Machado de Assis, se não mata na morte, mata em vida.

O autor-criador, em Helena, entretanto, não faz uma idealização ufanista, e sim, mostra um Brasil corrupto, onde os favores são a centralidade; onde ser político é um arranjo; onde a Igreja é uma ferramenta de manipulação; e a ascensão da burguesia ao poder se dá, mais pelas artimanhas e pelas jogadas oportunistas, do que pelo trabalho em si. Dr. Camargo, apesar de um trabalho nobre, vê na fortuna do Conselheiro e na possível carreira política de seu (futuro) genro, a sua possibilidade de ascensão, para além do dinheiro, para a condição de centro. Almeja sair de sua posição periférica (ainda que confortável) de morador de cidadezinha do interior, sem maiores visibilidades na Corte (SCHWARZ, 2012)⁷.


Helena, ao se sentir devassada em seus segredos, ao entender que seria acolhida, mas teria de se submeter a uma condição de “pobre moça rica”, considerando todo o peso que isso tem na história, escolhe morrer – e morre. Essa é sua forma de resistência, de denúncia. Lidem com isso agora – é o que *Machado de Assis* deixa como reca-

7. Fechando com Dr. Camargo, a lista dos homens que manipulam mulheres, as colocamos em tela: Tia Úrsula, irmã do Conselheiro Vale; Dona Tomásia, esposa de Camargo; Eugênia, filha de Camargo, e a escrava que atende ao pai de Helena, servindo, como se fora invisível, uma refeição modesta, mais comentada, do que quem a serve. Porém, para Machado de Assis, nada, nem ninguém é invisível. Essas mulheres, transformadas em objeto, na condição de patriarcado que o livro apresenta, são, em seus pequenos mundos, cada uma, uma forma de resistência, com suas próprias estratégias para a manutenção de suas existências.



do. Não foi assim em Tróia, quando a outra Helena optou pelo amor, como uma atitude sua, de resistência, mesmo sabendo que traria sua morte? Mortes e mais mortes como consequência da Misoginia, termo apontado dentre os dez, por Pereira (2019). Segundo sua recolha: “Por misoginia, entendemos como a repulsa, desprezo ou ódio contra as mulheres.” Para a autora, e para muitas outras autoras que estudam os ataques masculinos às mulheres, essa “aversão ao sexo feminino” é uma das principais responsáveis pelos feminicídios, pela manutenção do patriarcado e pela objetificação da mulher. Esses atos “são consequências diretas da misoginia e refletem o preconceito com a mulher (PEREIRA, 2019)”.


Talvez, se sua tese for realmente a verdadeira, foram esses sentimentos que moveram o romance de Machado de Assis, que faz uma denúncia das ações mortais do patriarcado. Ações como essas que, para Schwarz (2012), Machado de Assis tenta aperfeiçoar; e que ele, Schwarz, não chama de patriarcalismo, chama de paternalismo. Essencialmente, os dois conceitos dialogam, e, embora pareça haver uma carga semântica menos danosa em “paternalismo”, unindo a expressão a um tom mais afetivo, mais morno, mais condescendente, protetor, Gerda Lerner (1986), ao fazer um comparativo entre os ambos os conceitos tira qualquer ilusão semântica bondosa a esse respeito. Diz a autora: “Se o patriarcado descreve o sistema institucionalizado da dominação masculina, o paternalismo descreve um modo particular, um subconjunto de relações patriarcais”. Talvez por isso, ao aproximar o conceito a questões de sistema econômico, Schwarz o chama de “paternalismo autoritário”. Ao comentar sobre as questões implacáveis das tendências reais, da riqueza desinteressada e do paternalismo não autoritário, diz o autor:



De fato, o paternalismo não autoritário e a riqueza mercantil desinteressada são, além de contradições em si mesmas, ideias que termo a termo atendem à situação da classe dos homens dependentes - oprimidos e desprovidos - e nesse sentido restrito são destilações e negações de tais impasses. A separação, para fins de subtração, do elemento opressivo e interessado, conservando-se o quadro paternalista geral, expressa-lhes também a falta de saída histórica. Enquanto ideologia, o ponto de vista é de baixo e a vantagem é dos de cima. Consolam-se os dependentes pobres, afirmando o que as coisas deveriam ser e vendo reconhecida a sua afirmação, a qual produz uma imagem não antagônica da relação aceitável e consoladora também para os de cima, que não vão se prender a ela, e através da qual as duas partes podem comunicar. O preço dessa conciliação, em que imaginariamente as relações sociais se desalienam, é naturalmente a irrealidade. Se ocorre uma personagem transformá-la em norma efetiva, veremos que representa uma alienação maior que as alienações que deveria suprir (SCHWARZ, 2012. p. 133).

Apontando todas as complexidades existentes em Helena, associando-as ao paternalismo, Schwarz, em outra obra, *Sequências Brasileiras: ensaios* (1999), no Ensaio *Conversa sobre Duas meninas* (SCHWARZ, p. 232), cita uma expressão interessante, *Molécula Patriarcal*, a qual Machado de Assis faria frente. A saber:


Na crítica européia a história social e o conflito de classes estão mais ou menos mapeados. Há terreno comum entre a consciência histórica e a crítica de arte. No Brasil, não. A boa literatura brasileira é mais adiantada ou mais diferenciada do que nossos historiadores e sociólogos. A crítica literária aqui se vê diante da insuficiência dos estudos sociais. Digamos que a versão que Marx dá para o século XIX ajuda a ler o romance realista europeu, com



as diferenças de cada caso. No Brasil, a situação é outra: munido de Gilberto Freire o crítico brasileiro não entende Machado de Assis. Pior ainda, se quiser fazer uma aplicação direta de Marx. [...] Voltemos ao caso de Machado. Gilberto Freire tem uma descrição desenvolvida do que poderia se chamar a molécula patriarcal brasileira, mas ele trata o assunto em veia saudosista, uma coisa que está no passado e está se perdendo. Em Machado de Assis esta molécula também existe, mas ela é diretamente confrontada, o tempo todo e no presente, ao padrão de racionalidade burguesa, dado na prosa analítica do tipo de século XVIII. Você tem aí o universo da dominação e afetividade “tradicionais” - a molécula patriarcal - combinado com uma linguagem analítica e racional. Os universos que em Gilberto Freire correm separados, um no Brasil, outro na Europa, um no presente, outro no passado, em Machado estão imbricados, são simultâneos, criando um espelhamento recíproco, uma relativização mútua de grande alcance histórico e intelectual (SCHWARZ, 1999, p 232-233).

Molécula significa um conjunto de átomos unidos por ligações covalentes, dizem os químicos. A ligação entre as pessoas, em uma molécula patriarcal, entretanto, nada tem de compartilhamento. Em aspectos ideológicos, Chaves (1988) afirma que se poderia rastrear a história do Brasil em toda a ficção machadiana ao citar *Esau e Jacó*, 1904, apontando que as aventuras do conselheiro Aires, personagem narrador, permeiam eventos históricos, que vão dando verossimilhança aos eventos ficcionais. Essas pessoas que circulam no mundo imaginado, são as personagens que poderiam perfeitamente estar circulando no mundo real, naquele momento. Diz Chaves:

Eis a razão pela qual Machado de Assis ocupa uma posição decisiva na evolução do *romance histórico*. Em *Esau e Jacó*, ele



atingiu a metáfora da nossa vida política, transfigurando-a literalmente na sequência de contrastes e paradoxos que orientam a narrativa, tudo desembocando numa ordem essencial, sob a aparência de normalidade. “Não se assuste, amigo meu, é o governo que cai”. Antes, um simples tema, depois transformado em ideologia, finalmente aqui a história foi levada ao nível de questão altamente problemática. O indivíduo não é, em nenhuma hipótese, condutor dos fatos, que o arrastam e a engrenagem pode seguir girando indefinidamente. Machado sabia disso, ao datar, cronologicamente, o mundo imaginário de *Esau e Jacó* (CHAVES, 1988, p. 21-22).

Reenunciando as palavras de Loureiro Chaves e aplicando-as a Helena, percebemos que em nenhuma hipótese foi condutora dos fatos, embora pensasse que sim, em alguns momentos. Como prova de que a engrenagem patriarcal continuou a funcionar, apesar de sua morte trágica, Dr. Camargo é a chave que fecha o livro, sacralizando a vitória de suas articulações sobre tudo e todos: “Ao mesmo tempo, na casa do Rio Comprido, a noiva de Estácio, consternada com a morte de Helena, e aturdida com a lúgubre cerimônia, recolhia-se tristemente ao quarto de dormir, e recebia à porta o terceiro beijo do pai” (ASSIS, 2009, p. 48). No decorrer do romance Helena, é possível perceber a expectativa que é depositada nos homens. Eles são cobrados para que tenham carreiras promissoras, garantindo todo o sustento econômico da casa e sempre fazendo o papel “linha dura”. Não só o poder masculino, mas também os poderes patriarcais controlam uma boa parte das personagens dentro da narrativa. Este pode não se manifestar apenas na relação nuclear familiar entre pais e filhos, trata-se de uma extensa e complexa rede que está bem demarcada nas ações dos personagens e na linguagem expressa na obra.



Um dos bons exemplos do poder patriarcal no romance é a relação de Estácio com Helena, quando esta Helena entra para a família Vale. Além de ser uma moça com uma boa educação, com um enorme talento musical e com uma grande articulação, tais capacidades são vistas socialmente como meras “prendas”. Para ser aceita em sua nova família Helena precisou mostrar suas “virtudes” morais que estavam diretamente ligadas à estrutura de poder que atribuem papéis definidos e rígidos para as mulheres.

Nas palavras e nas cartas que Estácio escreve para Helena, em sua retórica, fica evidente o quanto o sentimento de posse está presente na narrativa. Esse desejo aparece, na maioria das vezes, de forma inconsciente. Em um momento específico do romance, Estácio desconfia que Helena esteja em um caso amoroso, nesse momento diz para si mesmo que se trata apenas de uma visita voluntária que fazia para pessoas bastante pobres às quais Helena “gostaria de afagar”. O único recurso, o qual as mulheres podem exercer, dentro do romance, é usando o sentimento. Entretanto, isso não quer dizer que os homens também não usassem esse recurso. Estácio usa inclusive o sentimento de Helena e sua tia para manipular, além de usar uma cobrança de gratidão à Helena à qual deve se submeter tendo em vista a acolhida feita pela família Vale.

A seguir, adentramos à esfera analítica de nosso estudo, especificamente as marcas de patriarcalismo em Helena, de Machado de Assis.



Marcas linguístico-discursivas de patriarcalismo na narrativa de Helena: fragmentos

O romance urbano machadiano *Helena, que contém 28 (vinte e oito) capítulos*, narra a história de Helena, personagem central, sensível, inteligente – uma jovem que vivia em um internato – filha bastada – acolhida por Conselheiro Vale – que, após a morte, a considera como uma de suas herdeiras. A obra conta com um narrador em terceira pessoa⁸ – onisciente – que emite a ideologia do autor expressa por meio da construção psicológica das personagens.

Percebe-se que, na disposição das personagens do romance *Helena*, logo no capítulo primeiro, quem possuía cargos políticos e administrativos, no decorrer da história, eram unicamente os homens, eram estes que tinham carreiras políticas e certa posição social em termos de ocupação profissional, que lhes permitissem alto prestígio social, tais como médicos e diplomatas. Tal traço marcante da obra apresenta a configuração social do fim do século XIX e começo do século XX. Tal machismo pode ser encarado como o *status quo* bem definido do período do que uma escolha voluntária do escritor.

Machado de Assis, ao descrever Camargo, ainda no primeiro capítulo, enforma-a uma representação masculina quase caricata e dentro de uma perspectiva que muitos, atualmente, têm do que significa ser um homem. O autor coloca que Camargo possuía fisionomia dura e fria na medida em que seus olhos eram perscrutadores e sagazes,

8. Bakhtin (2006 [1979]) estabelece a diferenciação entre autor e personagem, e ainda o modo como o autor-pessoa se diferencia do narrador, ou ainda de um autor-criador. Tanto o narrador quanto o autor-criador devem ser compreendidos como instâncias criadoras, vozes que povoam o romance em seu processo de construção. Desse modo, não devem ser confundidas com o autor-pessoa.




perceptíveis a todos que fossem encarados por ele. Camargo também é descrito como alguém que não expressa sentimentos, como egoísta e, por fim, por ser inabalável, ou seja, não chorar mesmo mediante a morte do então amigo conselheiro Vale.

Ao relatar a relação que Camargo tinha com a sua filha, a linda Eugênia, é possível perceber como é uma relação de amor paterno baseada em proteção e em um amor que não se expressava, justamente pelo fato de que a esse tipo de demonstração afetiva poderia ser vista como um sinal de fraqueza e/ou um traço feminino, o que significava a mesma coisa para esse contexto. Tal expressão, vinda de Camargo, é perceptível de forma direta:

Além disso, amava sobre todas as coisas e pessoas uma criatura linda, — a linda Eugênia, como lhe chamava, — sua filha única e a flor de seus olhos; mas amava-a de um amor calado e recôndito. Eugênia tocava com habilidade; e Camargo gostava de a ouvir. Naquela ocasião, porém, disse ele, parecia pouco conveniente que a moça se entregasse a um gênero de recreio qualquer. Eugênia obedeceu, algum tanto de má vontade. O pai, que se achava ao pé do piano, pegou-lhe nas mãos, logo que ela se levantou, e fitou-lhe uns olhos amorosos e profundos, como ela nunca lhe vira (ASSIS, 1999, p. 3).

Um olhar carinhoso era o luxo máximo no qual um pai poderia oferecer como forma de carinho a uma filha, marcas do patriarcado expressas em detalhes nos quais nem na intimidade familiar podem ser esquecidos por algumas horas. A cristalização de papéis sociais (principalmente a construção da orientação de gênero), em uma determinada configuração social, pode sair da esfera pública e pertencer a todos os domínios da vida.



Torna-se importante mencionar que as interações discursivas são encorpadas no seio dos enunciados no romance, que também são concretos, vivos e imbricados em situações sócio-históricas diversas (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]). O enunciado, no escopo da perspectiva dialógica, “está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera” BAKHTIN, 2006 [1979], p. 316).

Na ótica de Bakhtin (2010, p. 53), “no momento do ato, o mundo se reestrutura em um instante, a sua verdadeira arquitetura se restabelece, na qual tudo o que é teoricamente concebível não é mais que um aspecto”. Nesse direcionamento, por meio do diálogo entre as personagens no romance, há uma funcionalidade perceptiva das construções sociais a cada ato produzido pelos sujeitos. Desse modo, num contexto em que estamos procurando problematizar matizes de patriarcalismo, nota-se a existência, dentro da concepção adotada pelo romance, de uma forma de caracterizar a função das mulheres da obra como passiva. A elas cabe, em boa parte das vezes, apenas o silêncio, o ato de conter-se, de calar-se e de deixar que os homens e somente os homens “resolvam as coisas. Na obra, o papel da mulher fica bem claro quando se observa que:

As mulheres que são apenas mulheres, choram, arrufam-se ou resignam-se; as que têm alguma coisa mais do que a debilidade feminina, lutam ou recolhem-se à dignidade do silêncio. Aquela padecia, é certo, mas a elevação de sua alma não lhe permitia outra coisa mais do que um procedimento altivo e calado. Ao mesmo tempo, como a ternura era elemento essencial de sua organização,

concentrou-a toda naquele único filho, em quem parecia adivinhar o herdeiro de suas robustas qualidades (ASSIS, 1999, p. 5).

Simone de Beauvoir (2016), na passagem para a segunda metade do século XX, já alertava sobre tal problemática, a mulher vista apenas como um segundo sexo, as posições sociais de homens e mulheres são questionadas, a crítica se baseia no fato de não existir um determinante biológico que faça dos homens seres melhores que as mulheres. Outro questionamento importante levantado por Beauvoir (2016) está no fato de que desde cedo meninos e meninas são ensinados a assumir determinadas funções socialmente elaboradas, se espera da menina que seja apenas mãe e dona de casa, por isso, estimula-se que esta brinque de boneca e, para os meninos, se espera que se tornem médicos, motoristas, construtores, advogados e outras profissões deste tipo e por isso, aos meninos é dada uma série de outros brinquedos que criam o desejo de conquistar o mundo para muito além da vida doméstica.

Ao adentrarmos em estudos teóricos fundamentados no feminismo, ao aplicá-lo aos estudos literários, poderia se questionar que a obra *O Segundo Sexo* foi escrita depois da vida e obra de Machado de Assis e que por conta disso a crítica de Beauvoir não é válida como argumento devido ao “anacronismo”. Entretanto, é importante ressaltar que a crítica levantada pela autora não se limitava apenas ao contexto pós-guerra de sua época. Ela faz uma análise histórica das origens dos sofrimentos femininos, com isso percebe-se um traço transversal recorrente na história, evidenciando uma “cultura do patriarcado” que tem seus reflexos na arte produzida em cada cultura em determinado tempo histórico. Ressaltamos, por mais que a obra literária possua, em seu valor estético, potencial de (re)significação – e que sua funcionalidade enquanto sistema a sustente para além da necessidade de um respaldo social obri-

gatório, acreditamos que ao atrelar a obra machadiana aos estudos de Beauvoir, traremos reflexões pertinentes à temática deste artigo.

Beauvoir lança uma outra importante questão perceptível no romance *Helena*, que configura a mulher como frágil e que necessita de uma proteção masculina. Foi isso que se pode perceber ao decorrer da narrativa. Dessa forma, a mulher é vista como um objeto de proteção, primeiramente pelo pai, para depois se tornar um objeto de desejo para outros homens e, em nenhum desses momentos ela é autônoma.

Nessas condições interpretativas, é possível identificar, na narrativa de Helena, como as personagens e as suas presenças na narrativa, estão ligadas a um “papel social” relacionado ao sexo biológico como podemos perceber no trecho a seguir:

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornava aceita a todas, e mudaram em partes o teor da vida da família. Não falo da maravilhosa voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque, ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera oportunidade de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco de inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordado e toda sorte de trabalhos femininos. Conversava com graça e lia admiravelmente (ASSIS, 1999, p. 44, grifos nossos).

Durante a narração, quando descreve a vida do filho e da filha de conselheiro Vale, é possível notar uma diferença muito marcante, ao descrever o filho, o autor enuncia algo semelhante a *poderia ter entrado na carreira política e/ou em cargos públicos no decorrer da sua juventude*—já, na vida da filha, não existe nenhum “poderia”. Para as mulheres não restavam, tanto na narrativa, quanto na sociedade,



a potencialidade de fazer qualquer outra coisa da vida que não fosse ligada à vida doméstica.

Machado de Assis consegue, em *Helena*, uma síntese de um Brasil real: patriarcal e paternalista. Na história, todos sofrem revezes pelo testamento do pai, que não é discutido; é acatado e, em todo o processo, há a busca para sua efetivação. Esse pode ser um dos aspectos que levou Loureiro Chaves, no seu livro *História e Literatura* (1988), ao comentar sobre História e Ficção na literatura brasileira e citar autores brasileiros e seu compromisso com a história, abordar Machado de Assis.

Compreende-se então que logo em seguida esta burguesia suba ao primeiro plano, ocupando a atenção de Machado de Assis para protagonizar, na passagem do século, o drama da vida brasileira. Não pretendo investir na discussão, aliás bizantina, sobre a participação direta ou indireta de Machado nos acontecimentos de sua época. Interessa-me tão só, registrar a minuciosa anotação dos hábitos sociais, privilegiando banqueiros, burocratas, capitalistas, políticos, que aí estão enredados no mesmo contexto de *Senhora*, postulando cargos e posições, todos engolfados na escala social por via da afirmação econômica. Evidentemente, não se pode falar de *romance histórico* no sentido alencariano da geração anterior. Prevalece, entretanto, uma concepção da História claramente estabelecida pelo escritor e cuja importância é nuclear, porque orienta sua *visão do mundo* (CHAVES, 1988, p. 20, grifos do autor).


As construções presentes em uma obra literária refletem o contexto social no qual o autor está inserido, entretanto vale ressaltar que nem

sempre o *zeitgeist*⁹ da época é a mesma do autor (WAGNER, 2014). Machado de Assis, em algumas questões e discussões pensava a frente do seu tempo. A forma pela quais mulheres e homens relacionam-se na narrativa de Assis é muito diferente. É possível perceber, inclusive, dentro dos diálogos, como as mulheres possuem uma fala mais cuidada, nunca se envolvendo sem a permissão nos assuntos masculinos e/ou fazendo indagações ou questionando as decisões masculinas.

Não se pode falar de política sem antes pensar nas relações de poder e como se constroem para serem legitimadas, antes de tudo, precisam ser difundidas socialmente. Para isso, criam-se narrativas que apontam que determinado gênero nasce com funções sociais determinadas. Tal legitimação além da política pode se dar pela religião, pela cultura e até pela instituição familiar. O papel de Helena, no decorrer da obra, é o mais estereotipado para se atribuir a uma mulher. Há uma tentativa incessante para torná-la uma figura de gestos doces, agradáveis e com um tom de apaziguadora. Todos esses elementos juntos fazem com que se tenha um personagem com praticamente todas as “qualidades” femininas socialmente aceitáveis. Dessa forma:

Helena possui os atributos tradicionais de uma heroína sentimental. Seu porte é elegante, mas, em vez de arrogância, revela atitudes modestas e recatadas; seu rosto é levemente moreno, mas mesmo assim ruboriza com facilidade, e suas linhas são “puras e severas”. Além disso, ela é “dócil, afável, inteligente”. Seus atributos físicos e psicológicos revelam beleza, recato, simplicidade, espontaneidade e pureza, todos valores importantes no

9. *Zeitgeist* consiste em um termo alemão que significa *espírito da época* ou espírito do tempo (WAGNER, 2014). Na percepção da autora, “É a vida em sociedade que conduz a cultura, bem como a orientação de um indivíduo para construir sua identidade e manter o equilíbrio do próprio ethos cultural” (WAGNER, 2014, p. 28). Entendemo-lo como o florescimento do clima intelectual e cultural de um lugar, em certa época.



código sentimental. Sua tez lembra as tentativas românticas de criar um ideal de beleza genuinamente brasileiro, mas também é uma forma de demonstrar sua transparência, pois revela seus sentimentos através de reações físicas como o rubor. Além disso, Helena não foge à regra de aliar essa transparência a uma inocência infantil (CARDOSO, p. 38-39, 2016).

O cenário que vai se edificando evidencia a estrutura social do enunciado (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), o qual é sempre observado como resposta a outras enunciações, em tempos e espaços distintos, no fluxo dialógico da vida social. Com base nos pressupostos teóricos elencados, identificamos, no uso social da linguagem, um modo de funcionamento sobre o outro, já que toda enunciação é imbuída de relações dialógicas (BAKHTIN, 2006 [1979]).

Considerações finais

Por meio desse estudo foi possível verificar, na obra machadiana *Helena*, de que maneira os papéis atribuídos e definidos para cada gênero foram sendo cristalizados. Na discussão, tal manifestação, presente inclusive em *Helena*, possui uma raiz na qual a cultura e a religião colocaram o homem como estando em um patamar superior ao da mulher, em que cabe a este o papel do “primeiro sexo”.

As discussões empreendidas mostram o quanto, no período oitocentista, a cultura impôs papéis sociais a homens e mulheres. Constatou-se que há reflexos de horizonte sócio-histórico em muitas questões, haja vista que as personagens ainda possuíam uma grande definição do que se esperava de atitudes tidas como vinculadas ao gênero imposto socialmente. Foi cumprido o nosso objetivo da pesquisa, pois incidimos

olhares linguístico-discursivos sobre as marcas do patriarcalismo na sociedade brasileira do século XIX na obra *Helena*, de Machado de Assis.

Diante das reflexões linguístico-discursivas que compõem esse manuscrito, torna-se visível o quanto a abordagem dialógica serve como horizonte de interpretação a obras literárias, em situações sócio-históricas diversas. Foi graças a essas lentes que identificamos, na obra machadiana, as barreiras impostas pela sociedade que tentavam definir papéis de homem e de mulher.

Referências

ASSIS, Machado de. *Helena*. Notas introdutórias e questionário de Vera Moraes. Fortaleza: Editora Verdes Mares. 1998.[ACMdS10]

ASSIS, Machado de. *Helena*. 1ª Edição. São Paulo: Paulus Editora, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do autor. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006c [1979]. p. 173-194.

BELLI, Gioconda. *El pais de las mujeres*. Campinas, SP: Vênus, 2011.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEMONG, Nele; BORGHART, Pieter. *A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações e perspectivas*. Trad. Oziris Borges Filho. In: BEMONG et al (Orgs). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRAIT. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e a construção do sentido*. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRAIT, Beth. PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CARDOSO, André Cabral. As armadilhas da gratidão: o poder e o código sentimental em helena. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 33-50, 2016.

CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROED, 1988.

COELHO, Wanessa de Oliveira; QUEIROZ, Juliana Maia de. A configuração da personagem feminina em 'A Rainha do Ignoto', de Emília Freitas, e em 'El Pais de las mujeres', de Gioconda Belli. *Jangada: crítica | literatura | artes*, v. 1, n. 14, p. 141-155, 2019.

COSTA, Lourenço Resende. História e gênero: a condição feminina no século XIX a partir dos romances de Machado de Assis. *Revista Eletrônica Discente História*, Cachoeira, v. 1, n. 2, p. 68-81, 2013. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/117>. Acesso em: 19.05.2022

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura – uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 7 ed. São Paulo: Martins fontes, 2019.

FILGUEIRAS, Luiz. *O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico*. En publicación: *Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales*. Basualdo, Eduardo M.; Arceo, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto 2006.

FISCHER, Luis Augusto. *Machado e Borges - e outros ensaios sobre Machado de Assis*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

FISCHER, Luís Augusto. Sobre condição periférica – “cópia, dependência, atraso, imitação e similares” In: *Literatura brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 35-36.

GERALDI, João Wanderley. Dialogia: do discursivo à estrutura sintática. In: HAMMES-RODRIGUES, Rosangela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo (Orgs). *Estudos dialógicos – da linguagem e pesquisa em linguística aplicada*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2016. p. 179-190.

HAMMES-RODRIGUES, Rosangela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Apresentação. In: HAMMES-RODRIGUES, Rosangela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo (Orgs). *Estudos dialógicos – da linguagem e pesquisa em linguística aplicada*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2016. p. 9-16.

LERNER, Gerda. *Definitions. The Creation of Patriarchy*. New York: Oxford University Press, 1986. p. 231-243.

MEDVIÉDEV, P. A linguagem poética como objeto da poética. In: MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016b [1928], p.131-163.

MULLER, Jerry Z. *Conservatism: An Anthology of Social and Political Thought from David Hume to the Present*. [S.l.]: Princeton U.P. p. 26, 1997.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Dialogismo em foco: variações semântico-axiológicas e sua aplicabilidade. In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. *Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação*. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 84-93.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; MIOTELLO, Valdemir. O dialogismo como potencial teórico-metodológico ao ensino (de literatura): no horizonte de Bakhtin e o Círculo. *Revista Educação e Linguagens*, v. 9, n. 16, 2019.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor, as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades: Editora 34, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Seqüências Brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOLANAS, Valerie. *Scum Manifesto. Uma Proposta Para A Destruição Do Sexo Masculino*. São Paulo: Editora Conrad, 1967.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. 3 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico. In: VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929]. p. 143-172.

WAGNER, Christiane. Zeitgeist, o Espírito do Tempo—Experiências Estéticas. *Revista de Cultura e Extensão USP*, v. 12, p. 21-29, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rce/article/view/86802> Acesso em: 18.05.2022

Recebido em: 01/03/2022

Aprovado em: 25/07/2022

Licenciado por

